

ENTRE CARISMA E DEVOÇÃO: UMA EXPLORAÇÃO TEÓRICA DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA E O MOVIMENTO CHAMA DO AMOR¹

Cídio Lopes de Almeida²
[working paper: not peer-reviewed]

RESUMO

O contexto teórico da proposta em desenvolvimento situa-se a partir da temática da pluralização interna do catolicismo contemporâneo, analisada por meio das dinâmicas da Renovação Carismática Católica (RCC) e do movimento Chama do Amor, com foco em suas estratégias de reencantamento da fé frente à secularização e erosão dos sentidos últimos do viver humano. O objetivo é comparar as estruturas, práticas e simbolismos da RCC e da Chama do Amor, investigando como esses movimentos articulam carisma, devoção e subjetividade moderna para ressignificar a experiência religiosa no contexto do catolicismo da Igreja Católica Apostólica Romana [ICAR]. Apesar de compartilharem o objetivo de reafirmar o sagrado em um mundo secularizado, a RCC e a Chama do Amor divergem em sua organização institucional, linguagem simbólica e mediação do divino, refletindo tensões entre modernidade e tradição no catolicismo [ICAR]. A questão central é: como a RCC e a Chama do Amor, enquanto expressões religiosas intra-eclesiais, negociam a rigidez da estrutura católica tradicional e respondem à demanda por espiritualidades personalizadas, emocionais e imediatistas? A análise se justifica pela necessidade de compreender os mecanismos de adaptação religiosa em contextos secularizados, utilizando aportes teóricos como: a fenomenologia do sagrado (Mircea Eliade) e o numinoso (Rudolf Otto), para examinar hierofanias e experiências místicas; a sociologia das religiões populares (Reginaldo Prandi), que explora a interface entre instituição e devoção; o conceito de recomposição do religioso (Roland Campiche), que aborda a ressignificação da fé via emoção e comunidade; e a análise da linguagem apocalíptica (Paulo Nogueira), que examina as estruturas narrativas e simbólicas de textos visionários. A pesquisa para o escopo aqui delimitado é bibliográfica exploratória, com revisão crítica de fontes secundárias (obras teóricas, documentos eclesiais e estudos de caso), privilegiando abordagens comparativas e interdisciplinares. O artigo estrutura-se em três partes, sendo a primeira dedicada à contextualização histórica e doutrinal dos dois movimentos, a segunda à apreciação comparativa das estruturas, liturgias e simbolismos, e a terceira ao debate à luz das Ciências das Religiões, desenvolvendo-se em torno dos temas das hierofanias, mediações do humano e do sagrado, e da linguagem apocalíptica.

¹ A proposta de exploração teórica em tela está situada no contexto mais amplo, que se projeta para um segundo momento, de propor uma abordagem de pesquisa empírica sobre um caso em particular de manifestação religiosa no bairro rural de Santa Rita em Bueno Brandão, que tem sido denominado de Cruzeiro da Chama do Amor.

² Doutorando em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória ES, bolsista FAPES. Membro pesquisador dos Grupos Cátedra Unida de Teologia Pública e Estudos da Religião [Faculdade Unida de Vitória] e do Grupo Identidades e Sociabilidades Religiosas Contemporâneas [Faculdades EST]. Membro da *Red Internacional de Cátedras, Instituciones y Personalidades sobre el Estudio de la Deuda Pública* [Seção UNESP – Marília, 2020].

Palavras-chave: Renovação Carismática Católica, Chama do Amor, Reencantamento da fé, Religiosidade popular, Secularização, Fenomenologia do sagrado, Linguagem apocalíptica.

INTRODUÇÃO

O catolicismo contemporâneo apresenta-se como um campo religioso complexo e multifacetado, caracterizado por uma pluralização interna que reflete as tensões e adaptações da Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) frente aos desafios da modernidade e da secularização. Nesse contexto, emergem movimentos e expressões religiosas que, embora permaneçam no interior da estrutura institucional católica, desenvolvem estratégias particulares de reencantamento da fé e de ressignificação da experiência religiosa. Entre esses movimentos, destacam-se a Renovação Carismática Católica (RCC) e o Movimento Chama do Amor, objetos de análise do presente estudo.

A secularização, entendida como processo de erosão dos sentidos últimos do viver humano e de deslocamento do religioso para a esfera privada (BERGER, 1985), tem provocado respostas diversas no campo religioso. Paradoxalmente, ao invés de um simples declínio da religião, observa-se o surgimento de novas formas de vivência religiosa, caracterizadas pela ênfase na experiência subjetiva, na emoção e na formação de comunidades de sentido. Esse fenômeno, que alguns autores denominam “recomposição do religioso” (CAMPICHE, 1993), manifesta-se de maneira significativa no interior do catolicismo.

A RCC, surgida nos Estados Unidos em meados da década de 1960 e presente no Brasil desde 1969, constitui-se como um movimento que busca revitalizar a experiência católica através da ênfase nos dons carismáticos e na ação do Espírito Santo. Por sua vez, o Movimento Chama do Amor, originado na Hungria a partir das experiências místicas de Elizabeth Kindelmann (1913-1985) e difundido internacionalmente nas últimas décadas, centra-se na devoção ao Imaculado Coração de Maria como caminho de transformação espiritual e combate às forças do mal no mundo contemporâneo.

Apesar de compartilharem o objetivo de reafirmar o sagrado em um mundo secularizado, a RCC e a Chama do Amor divergem em sua organização institucional, linguagem simbólica e mediação do divino, refletindo tensões entre modernidade e tradição

no catolicismo. Enquanto a RCC incorpora elementos da modernidade religiosa, como a valorização da experiência subjetiva e a expressão emocional, o Movimento Chama do Amor recorre a formas mais tradicionais de devoção, centradas na figura de Maria e em práticas ascéticas, expressas através de uma linguagem marcadamente apocalíptica.

O presente artigo tem como objetivo comparar as estruturas, práticas e simbolismos da RCC e da Chama do Amor, investigando como esses movimentos articulam carisma, devoção e subjetividade moderna para ressignificar a experiência religiosa no contexto do catolicismo contemporâneo. A questão central que orienta a análise é: como a RCC e a Chama do Amor, enquanto expressões religiosas intra-eclesiais, negociam a rigidez da estrutura católica tradicional e respondem à demanda por espiritualidades personalizadas, emocionais e imediatistas?

Para responder a essa questão, recorreremos a aportes teóricos da fenomenologia do sagrado (Mircea Eliade) e do numinoso (Rudolf Otto), da sociologia das religiões populares (Reginaldo Prandi), do conceito de recomposição do religioso (Roland Campiche) e da análise da linguagem apocalíptica (Paulo Nogueira). Essa abordagem interdisciplinar permite compreender tanto as dimensões experienciais e simbólicas desses movimentos quanto suas implicações sociais e institucionais.

A análise se justifica pela necessidade de compreender os mecanismos de adaptação religiosa em contextos secularizados, bem como as estratégias de reencantamento da fé desenvolvidas no interior de instituições religiosas tradicionais. Além disso, o estudo comparativo desses dois movimentos oferece insights valiosos sobre as dinâmicas de continuidade e ruptura no campo religioso contemporâneo.

O artigo estrutura-se em três partes. A primeira dedica-se à contextualização histórica e doutrinal dos dois movimentos, situando-os no panorama mais amplo do catolicismo contemporâneo. A segunda parte apresenta uma análise comparativa das estruturas, liturgias e simbolismos da RCC e da Chama do Amor, destacando suas semelhanças e diferenças. Por fim, a terceira parte desenvolve um debate à luz das Ciências das Religiões, explorando os temas das hierofanias, mediações do humano e do sagrado, e da linguagem apocalíptica presentes nesses movimentos.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E DOUTRINAL DOS MOVIMENTOS

1.1 A Renovação Carismática Católica: origens e desenvolvimento

A Renovação Carismática Católica (RCC) emergiu no cenário religioso em meados da década de 1960, nos Estados Unidos, em um contexto de profundas transformações sociais e eclesiais. O movimento teve início em fevereiro de 1967, durante um retiro espiritual realizado na Universidade de Duquesne, em Pittsburgh, Pensilvânia, quando um grupo de professores e estudantes católicos vivenciou o que denominaram “batismo no Espírito Santo”, experiência caracterizada por manifestações carismáticas como a glossolalia (dom de línguas), profecias e curas espirituais (PRANDI, 1997).

Esse fenômeno, inicialmente conhecido como “Pentecostalismo Católico”, rapidamente se expandiu para outras universidades norte-americanas, como Notre Dame e Michigan, e posteriormente para diversos países. No Brasil, a RCC chegou em 1969, através dos padres jesuítas Harold Rahm e Eduardo Dougherty, estabelecendo-se inicialmente em Campinas e São Paulo. Desde então, o movimento experimentou um crescimento expressivo, contando atualmente com mais de 15 mil grupos de oração espalhados pelo território nacional, segundo dados da própria coordenação nacional do movimento (CARRANZA, 2000).

O surgimento da RCC está intrinsecamente ligado ao contexto eclesial pós-Concílio Vaticano II (1962-1965), que propôs uma renovação da Igreja Católica e uma maior abertura ao diálogo com o mundo moderno. Como observa Sofiati (2009), o Concílio criou um ambiente propício para o florescimento de novos movimentos eclesiais, ao enfatizar o papel dos leigos na Igreja e a dimensão comunitária da fé. Simultaneamente, a RCC também foi influenciada pelo movimento pentecostal protestante, do qual incorporou elementos como a ênfase nos dons carismáticos e na experiência pessoal com o Espírito Santo.

Do ponto de vista doutrinal, a RCC fundamenta-se na pneumatologia católica, ou seja, na teologia do Espírito Santo, reinterpretada à luz da experiência pentecostal. O movimento enfatiza a atualidade dos dons carismáticos descritos no Novo Testamento, especialmente em 1 Coríntios 12, e propõe uma vivência religiosa marcada pela experiência direta e pessoal com o divino. Como destaca Mariz (2004), essa ênfase na experiência

subjetiva representa uma resposta à racionalização e ao desencantamento do mundo característicos da modernidade.

A relação da RCC com a hierarquia católica passou por diferentes fases ao longo de sua história. Inicialmente vista com desconfiança por parte do clero, que temia aproximações excessivas com o pentecostalismo protestante, o movimento gradualmente conquistou reconhecimento oficial. Em 1975, o Papa Paulo VI recebeu líderes carismáticos em audiência e manifestou apoio ao movimento. Posteriormente, em 1993, o Pontifício Conselho para os Leigos publicou o documento “A Renovação Carismática Católica”, reconhecendo oficialmente o movimento e estabelecendo diretrizes para sua integração na vida eclesial.

No Brasil, a RCC passou por um processo de institucionalização a partir da década de 1990, com a criação de estruturas nacionais de coordenação e a definição de ministérios específicos. Esse processo, como analisa Carranza (2000), reflete uma tentativa de conciliar o carisma original do movimento com as exigências institucionais da Igreja Católica. Atualmente, a RCC brasileira organiza-se em diferentes níveis (nacional, regional, diocesano e paroquial) e desenvolve atividades em diversos ministérios, como música e artes, pregação, cura e libertação, formação, entre outros.

1.2 O Movimento Chama do Amor: misticismo e devoção mariana

O Movimento Chama do Amor emerge de uma matriz distinta da RCC, tendo sua origem nas experiências místicas de Elizabeth Kindelmann (1913-1985), uma mulher húngara que viveu sob o regime socialista. Sua trajetória pessoal, marcada por provações e dificuldades, constitui um elemento fundamental para compreender a natureza e o desenvolvimento deste movimento devocional.

Nascida em Budapeste em uma família humilde, Elizabeth enfrentou o abandono e a orfandade desde tenra idade. Casou-se aos dezesseis anos e teve seis filhos, mas a viuvez precoce a lançou em uma luta árdua pela sobrevivência familiar. Este período de intenso sofrimento material e espiritual está documentado com notável franqueza em seu Diário Espiritual: “Nessa longa luta, a minha vida espiritual havia definhado tanto, que até a firmeza da minha fé estava ameaçada. Nessa contínua luta pela existência, eu me

questionava: ‘Vês? Sempre te disse: para que ter uma família numerosa?’” (KINDELMANN, 2008, p. 7).

A crise espiritual de Elizabeth atingiu seu ápice quando o próprio sentido de sua fé foi questionado: “Enquanto revolia esses pensamentos, tudo o que antes havia sido sagrado para mim e dava sentido à minha vida, agora parecia inútil e vazio” (KINDELMANN, 2008, p. 7). Esta “noite escura da alma”, como ela própria denomina, preparou o terreno para as experiências místicas que se seguiriam.

Em julho de 1960, Elizabeth começou a registrar em seu diário as locuções internas e visões que experimentava, nas quais Jesus e Maria lhe comunicavam mensagens sobre a “Chama do Amor do Imaculado Coração de Maria”. O caráter destas comunicações é marcadamente apocalíptico, apresentando uma visão dualista do mundo em que forças espirituais antagônicas disputam o destino da humanidade. Em 1º de agosto de 1962, ela registra uma experiência significativa:

“À noite pedi fervorosamente ao Senhor: ‘Dá-me força, meu adorado Jesus!’ Às três da madrugada, o Senhor me despertou com a sua Presença e com as suas palavras: ‘Na noite solitária, busco corações.’ [...] Via com crescente claridade que devia oferecê-la [a adoração noturna] para que se acendesse a Chama de Amor da Virgem Santíssima.” (KINDELMANN, 2008, p. 51)

O núcleo doutrinal do movimento centra-se na devoção ao Imaculado Coração de Maria, apresentado como instrumento privilegiado de graça e salvação. Segundo as mensagens recebidas por Elizabeth, a Chama do Amor seria “o próprio Jesus Cristo”, que Maria deseja compartilhar com toda a humanidade. O objetivo principal dessa devoção seria “cegar Satanás”, neutralizando sua influência no mundo e nas almas. Em uma passagem reveladora, Maria teria afirmado a Elizabeth: “Minha filha, há muitas almas assim no meu país [na Hungria]. Mas Eu, junto contigo, cubro com o meu manto maternal as suas almas de mendigo. E as escondo do meu Santo Filho, para que Ele não fique triste por causa de vocês.” (KINDELMANN, 2008, p. 52)

Esta linguagem, carregada de simbolismo e urgência apocalíptica, permeia todo o Diário Espiritual. Em outra passagem significativa, Elizabeth registra:

“Enquanto estava submersa na Chama de Amor da Virgem Santíssima, eu me dei conta de que a angústia que sentia por causa da presença do maligno

havia desaparecido. Ele sumiu quase que imperceptivelmente. Foi como se alguém tivesse saído do meu lado na pontinha dos pés.” (KINDELMANN, 2008, p. 51)

A difusão internacional do movimento ocorreu gradualmente após a morte de Elizabeth em 1985. A primeira tradução de seu Diário Espiritual foi realizada na Alemanha pela irmã Anna Roth. No Brasil, o movimento chegou por volta de 1980, estabelecendo-se inicialmente em São Paulo e Rio Grande do Sul. Em 1998, foi inaugurado o primeiro Santuário da Chama do Amor no país, em Caucaia do Alto, distrito da cidade de Cotia, na região metropolitana de São Paulo.

Um marco importante na história do movimento foi o reconhecimento eclesiástico concedido pelo Cardeal Péter Erdő, Primaz da Hungria, que em 2009 não apenas concedeu o *Imprimatur* ao Diário Espiritual de Elizabeth, mas também reconheceu as locuções e escritos místicos como autênticos, considerando-os um “presente para a Igreja”. Além disso, o cardeal aprovou episcopalmente o movimento, que opera formalmente na Igreja há mais de vinte anos.

Do ponto de vista organizacional, o Movimento Chama do Amor estrutura-se como uma associação privada de fiéis, com coordenações internacionais e nacionais. No Brasil, a Sra. Rosalia e o Sr. Guilherme foram os primeiros coordenadores, responsáveis pela expansão do movimento no país e internacionalmente. As práticas devocionais incluem orações específicas, jejuns, vigílias noturnas e a propagação da devoção à Chama do Amor, sempre com um senso de urgência apocalíptica que reflete a convicção de que o mundo vive um momento decisivo de confronto espiritual.

1.3 O contexto católico contemporâneo e a pluralização interna

Para compreender adequadamente a emergência e o desenvolvimento da RCC e do Movimento Chama do Amor, é necessário situá-los no contexto mais amplo do catolicismo contemporâneo, marcado por uma crescente pluralização interna. Como observa Teixeira (2005), o campo católico brasileiro caracteriza-se por uma diversidade de expressões religiosas, que vão desde as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), de orientação socialista-progressista, até movimentos de caráter mais conservador, como o Opus Dei e os Aautos do Evangelho.

Essa pluralização reflete as tensões e adaptações da Igreja Católica frente aos desafios da modernidade e da secularização. Por um lado, a instituição busca preservar sua tradição e autoridade doutrinal; por outro, precisa responder às demandas de uma sociedade cada vez mais individualizada e pluralista. Nesse contexto, movimentos como a RCC e a Chama do Amor representam estratégias distintas de reencantamento da fé e de ressignificação da experiência religiosa no interior do catolicismo.

A secularização, entendida não como simples declínio da religião, mas como transformação de sua presença social (HERVIEU-LÉGER, 2008), provoca respostas diversas no campo religioso. No caso do catolicismo, observa-se tanto tendências de adaptação à modernidade quanto movimentos de reafirmação da tradição. A RCC e o Movimento Chama do Amor, cada um à sua maneira, buscam responder ao desafio da secularização, oferecendo aos fiéis experiências religiosas intensas e significativas.

Além disso, esses movimentos inserem-se em um contexto de competição religiosa, especialmente no Brasil, onde o catolicismo enfrenta a concorrência de outras denominações, particularmente as igrejas pentecostais e neopentecostais. Como analisa Prandi (1996), essa situação de mercado religioso impulsiona estratégias de revitalização e adaptação por parte da Igreja Católica, que busca oferecer respostas às demandas espirituais contemporâneas sem abrir mão de sua identidade institucional.

2. ANÁLISE COMPARATIVA DAS ESTRUTURA, LITURGIAS E SIMBOLISMOS

2.1 Estruturas organizacionais e relação com a hierarquia

A RCC e o Movimento Chama do Amor apresentam estruturas organizacionais distintas, que refletem suas diferentes origens e concepções de autoridade religiosa. A RCC caracteriza-se por uma organização complexa e hierarquizada, com diferentes níveis de coordenação (nacional, regional, diocesano e paroquial) e ministérios específicos. Essa estrutura, como observa Carranza (2000), foi desenvolvida gradualmente, à medida que o movimento se institucionalizava e buscava legitimação no interior da Igreja Católica.

No Brasil, a RCC conta com um Conselho Nacional, responsável pela coordenação geral do movimento, e com coordenações estaduais e diocesanas. Além disso, organiza-se em ministérios específicos, como música e artes, pregação, cura e libertação, formação, intercessão, jovens e crianças. Essa estrutura ministerial reflete a concepção carismática dos

dons espirituais, entendidos como carismas concedidos pelo Espírito Santo para o serviço da comunidade.

A relação da RCC com a hierarquia católica é marcada por uma busca constante de legitimação institucional. Como analisa Prandi (1997), o movimento procura afirmar sua identidade católica e sua fidelidade ao magistério da Igreja, ao mesmo tempo em que preserva sua especificidade carismática. Essa negociação entre carisma e instituição manifesta-se na participação de sacerdotes como assessores espirituais dos grupos de oração e na busca de aprovação episcopal para as atividades do movimento.

Por sua vez, o Movimento Chama do Amor apresenta uma estrutura organizacional mais simples e centralizada. Organiza-se como uma associação privada de fiéis, com coordenações internacionais e nacionais, mas sem a complexidade ministerial da RCC. No Brasil, o movimento é coordenado por leigos, que são responsáveis pela difusão do Diário Espiritual de Elizabeth Kindelmann e pela promoção das práticas devocionais associadas à Chama do Amor.

A relação do Movimento Chama do Amor com a hierarquia católica é caracterizada por uma busca gradual de reconhecimento e legitimação. O movimento obteve aprovação episcopal na Hungria, seu país de origem, e busca reconhecimento semelhante em outros países onde está presente. No entanto, sua legitimidade baseia-se principalmente no caráter místico das revelações recebidas por Elizabeth Kindelmann, reconhecidas como autênticas pelo Cardeal Péter Erdő, Primaz da Hungria.

Essas diferentes estruturas organizacionais e relações com a hierarquia refletem distintas estratégias de legitimação institucional. Enquanto a RCC busca integrar-se à estrutura eclesial através de uma organização complexa e hierarquizada, o Movimento Chama do Amor baseia sua legitimidade principalmente no caráter místico de suas origens e na aprovação episcopal de seu texto fundador.

2.2 Práticas rituais e expressões litúrgicas

As práticas rituais e expressões litúrgicas da RCC e do Movimento Chama do Amor revelam concepções particulares do sagrado e modos específicos de mediação da experiência religiosa. A RCC caracteriza-se por uma expressão ritual marcadamente emocional e corporal, que se manifesta principalmente nos grupos de oração, considerados

o núcleo da vivência carismática. Nesses encontros, observa-se uma ênfase na expressão corporal da fé, através de gestos como a elevação das mãos, a dança, o canto em línguas (glossolalia) e manifestações físicas da presença do Espírito Santo, como o “repouso no Espírito”.

Como analisa Csordas (1997), essa corporeidade da experiência religiosa carismática representa uma forma de incorporação (*embodiment*) do sagrado, que permite aos fiéis experimentar diretamente a presença divina. A música desempenha um papel fundamental nesse processo, criando um ambiente propício à experiência extática e à expressão emocional da fé. Os cânticos, geralmente acompanhados por instrumentos musicais modernos, como guitarras e baterias, caracterizam-se por letras simples e repetitivas, que facilitam a participação coletiva e a indução de estados alterados de consciência.

Além dos grupos de oração, a RCC promove eventos de maior porte, como cenáculos, retiros e congressos, que reúnem milhares de participantes e constituem momentos de intensificação da experiência carismática. Nesses eventos, observa-se uma adaptação da liturgia católica tradicional, com a incorporação de elementos pentecostais, como a imposição de mãos, as orações de cura e libertação e os testemunhos pessoais de conversão.

Por sua vez, o Movimento Chama do Amor caracteriza-se por práticas devocionais mais tradicionais, centradas na figura de Maria e na espiritualidade do sacrifício. As principais práticas incluem a recitação do rosário, com a adição de uma jaculatória específica após cada Ave-Maria (“Derramai o efeito de graça da vossa Chama de Amor sobre toda a humanidade”), jejuns às segundas e quintas-feiras, vigílias noturnas de adoração e a hora de reparação em família.

Essas práticas, como registrado no Diário de Elizabeth Kindelmann, são apresentadas como meios de participação na obra salvífica de Maria, através do oferecimento de sacrifícios e orações pela conversão dos pecadores e pela cegueira espiritual de Satanás. A corporeidade, nesse caso, manifesta-se principalmente através da ascese e do sacrifício, entendidos como formas de união com o sofrimento redentor de Cristo e Maria.

A relação com a liturgia oficial católica também difere nos dois movimentos. Enquanto a RCC busca revitalizar a liturgia através da incorporação de elementos carismáticos, como cantos emotivos e gestos expressivos, o Movimento Chama do Amor enfatiza a participação devota nos sacramentos tradicionais, especialmente a Eucaristia e a Confissão, entendidos como canais privilegiados da graça divina.

Essas diferentes práticas rituais e expressões litúrgicas refletem distintas concepções da experiência religiosa e da mediação do sagrado. Enquanto a RCC privilegia a expressão emocional, a corporeidade e a experiência direta do divino, o Movimento Chama do Amor enfatiza a devoção disciplinada, a espiritualidade do sacrifício e a mediação mariana.

2.3 Simbolismos e mediações do sagrado

Os simbolismos e as formas de mediação do sagrado constituem elementos fundamentais para compreender as diferenças entre a RCC e o Movimento Chama do Amor. Na RCC, o simbolismo central é o do Espírito Santo, representado tradicionalmente pela pomba, pelo fogo ou pelo vento. Esses símbolos, presentes na iconografia cristã desde os primórdios, são reinterpretados à luz da experiência pentecostal, enfatizando a ação dinâmica e transformadora do Espírito na vida dos fiéis.

A mediação do sagrado na RCC ocorre principalmente através da experiência direta dos dons carismáticos, entendidos como manifestações tangíveis da presença do Espírito Santo. Como observa Mariz (2004), essa ênfase na experiência direta do divino representa uma forma de democratização do acesso ao sagrado, que não depende necessariamente da mediação institucional ou sacramental. Qualquer fiel, independentemente de sua posição na hierarquia eclesial, pode receber e exercer os dons carismáticos, desde que esteja aberto à ação do Espírito.

No entanto, essa aparente democratização é contrabalançada por novas formas de autoridade religiosa, baseadas no reconhecimento comunitário dos carismas. Líderes carismáticos, sejam leigos ou sacerdotes, são legitimados pela comunidade em função de sua capacidade de manifestar e discernir os dons do Espírito, criando assim uma nova hierarquia baseada no carisma pessoal.

Por sua vez, o Movimento Chama do Amor centra-se no simbolismo do fogo e da luz, associados ao Imaculado Coração de Maria. A “Chama do Amor” é apresentada como

uma realidade espiritual visível apenas aos olhos da fé, mas com efeitos concretos no mundo material. Como registrado no Diário de Elizabeth Kindelmann, essa Chama é descrita como “o próprio Jesus Cristo”, que Maria deseja compartilhar com toda a humanidade para combater as forças do mal.

A mediação do sagrado no Movimento Chama do Amor ocorre principalmente através da figura de Maria, apresentada como canal privilegiado da graça divina. Como afirma Elizabeth em seu Diário: “Minha filha, há muitas almas assim no meu país [na Hungria]. Mas Eu, junto contigo, cubro com o meu manto maternal as suas almas de mendigo. E as escondo do meu Santo Filho, para que Ele não fique triste por causa de vocês” (KINDELMANN, 2008, p. 52). Nessa passagem, Maria é apresentada como mediadora e protetora, que intercede junto a Jesus em favor dos pecadores.

Essa concepção de mediação mariana insere-se na tradição católica da devoção ao Imaculado Coração de Maria, que ganhou impulso a partir das aparições de Fátima (1917) e foi oficialmente reconhecida pela Igreja através da consagração do mundo ao Imaculado Coração, realizada pelo Papa Pio XII em 1942. O Movimento Chama do Amor apresenta-se como continuação e intensificação dessa devoção, adaptada ao contexto contemporâneo.

Essas diferentes formas de simbolismo e mediação do sagrado refletem distintas concepções teológicas e experienciais da relação com o divino. Enquanto a RCC enfatiza a ação direta do Espírito Santo e a experiência pessoal dos dons carismáticos, o Movimento Chama do Amor privilegia a mediação mariana e a participação na obra salvífica de Maria através da devoção e do sacrifício.

2.4 Concepções de subjetividade e comunidade

As concepções de subjetividade e comunidade presentes na RCC e no Movimento Chama do Amor revelam modos particulares de articulação entre a experiência religiosa individual e a dimensão comunitária da fé. Na RCC, observa-se uma valorização significativa da experiência subjetiva e da decisão pessoal de fé, expressa principalmente através do “batismo no Espírito Santo” e da “efusão do Espírito”, entendidos como momentos de encontro pessoal com o divino que transformam radicalmente a vida do fiel. Como analisa Carranza (2009), essa ênfase na experiência subjetiva reflete a influência da modernidade religiosa, caracterizada pela valorização da escolha individual e da

autenticidade pessoal. No entanto, diferentemente do individualismo moderno, a experiência carismática é sempre validada e interpretada no contexto comunitário. Os grupos de oração, considerados o núcleo da vivência carismática, constituem espaços de partilha e interpretação coletiva das experiências individuais, criando o que Hervieu-Léger (2008) denomina “comunidades emocionais”.

Essas comunidades caracterizam-se por laços afetivos intensos, baseados na partilha de experiências religiosas semelhantes e na construção de uma identidade coletiva distinta. Como observa Sofiati (2009), os grupos de oração carismáticos funcionam como espaços de acolhimento e pertencimento em um mundo marcado pela fragmentação social e pelo anonimato urbano. Nesse sentido, a RCC oferece uma resposta tanto à busca de experiências religiosas significativas quanto à necessidade de vínculos comunitários em um contexto de individualização.

Por sua vez, o Movimento Chama do Amor apresenta uma concepção de subjetividade mais centrada na noção de obediência e entrega. A experiência mística de Elizabeth Kindelmann, registrada em seu Diário, é marcada por um senso de submissão à vontade divina e de participação em uma missão que transcende sua individualidade. Como ela registra: “Via com crescente claridade que devia oferecê-la [a adoração noturna] para que se acendesse a Chama de Amor da Virgem Santíssima” (KINDELMANN, 2008, p. 51). Nessa passagem, a subjetividade é entendida não como espaço de autonomia, mas como receptáculo da vontade divina.

A dimensão comunitária no Movimento Chama do Amor manifesta-se principalmente através da participação em uma obra salvífica universal, que transcende os limites da comunidade local. Os adeptos do movimento entendem-se como participantes de uma missão espiritual global, coordenada por Maria para a salvação das almas e a cegueira espiritual de Satanás. Como registrado no Diário: “Ao colaborar Comigo, Satanás será cegado por isso; e por causa de sua cegueira, as almas não serão levadas ao pecado” (KINDELMANN, 2008, p. 52).

Essas diferentes concepções de subjetividade e comunidade refletem distintas formas de articulação entre a experiência religiosa individual e a dimensão coletiva da fé. Enquanto a RCC enfatiza a experiência subjetiva e a formação de comunidades emocionais,

o Movimento Chama do Amor privilegia a obediência à vontade divina e a participação em uma obra salvífica universal.

3. DEBATE À LUZ DAS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

3.1 Fenomenologia do sagrado e hierofanias

A fenomenologia do sagrado, desenvolvida por Mircea Eliade, oferece um quadro teórico valioso para compreender as manifestações do sagrado (hierofanias) presentes na RCC e no Movimento Chama do Amor. Segundo Eliade (1992), o sagrado manifesta-se sempre através de realidades profanas, que se tornam “outra coisa” sem deixar de ser elas mesmas. Essa dialética do sagrado e do profano pode ser observada nas diferentes formas de hierofania presentes nos dois movimentos.

Na RCC, as principais hierofanias estão associadas às manifestações carismáticas, como a glossolalia, as profecias, as curas e o “repouso no Espírito”. Nesses fenômenos, realidades corporais e psíquicas ordinárias tornam-se veículos da presença e ação do Espírito Santo. O corpo do fiel, ao manifestar os dons carismáticos, torna-se um espaço hierofânico, onde o sagrado se revela e atua. Como observa Csordas (1997), essa corporeidade da experiência carismática representa uma forma de incorporação (embodiment) do sagrado, que permite aos fiéis experimentar diretamente a presença divina.

Além das manifestações corporais, objetos e espaços também podem tornar-se hierofânicos no contexto carismático. Objetos abençoados, como água, óleo e sal, são entendidos como veículos da graça divina, capazes de transmitir bênçãos e proteção. Espaços de oração, especialmente durante eventos carismáticos, são sacralizados através de rituais específicos e da presença coletiva dos fiéis, tornando-se locais privilegiados de manifestação do sagrado.

Por sua vez, no Movimento Chama do Amor, a principal hierofania é a própria “Chama do Amor”, entendida como manifestação visível (aos olhos da fé) do amor de Maria pela humanidade. Como registrado no Diário de Elizabeth Kindelmann, essa Chama é descrita como uma realidade espiritual com efeitos concretos no mundo material, capaz de “cegar Satanás” e proteger as almas do pecado. Nesse sentido, a Chama constitui uma

hierofania por excelência, onde o amor divino, realidade transcendente, manifesta-se de forma imanente e acessível aos fiéis.

Além da Chama, outras hierofanias presentes no movimento incluem as aparições e locuções experimentadas por Elizabeth Kindelmann, registradas em seu Diário. Nesses fenômenos místicos, Jesus e Maria manifestam-se de forma sensível (visual ou auditiva), transmitindo mensagens e orientações. Como ela registra: “Às três da madrugada, o Senhor me despertou com a sua Presença e com as suas palavras: ‘Na noite solitária, busco corações’” (KINDELMANN, 2008, p. 51). Nessa passagem, a presença divina manifesta-se através de uma experiência sensível, que transcende a percepção ordinária.

Essas diferentes formas de hierofania refletem distintas concepções do sagrado e de sua manifestação no mundo. Enquanto a RCC enfatiza as manifestações carismáticas e corporais do Espírito Santo, o Movimento Chama do Amor privilegia as experiências místicas e visionárias associadas à figura de Maria. Em ambos os casos, no entanto, observa-se a dialética eliadiana do sagrado e do profano, onde realidades ordinárias (corpo, linguagem, percepção) tornam-se veículos da presença e ação divina.

3.2 O numinoso e a experiência religiosa

O conceito de numinoso, desenvolvido por Rudolf Otto em sua obra “O Sagrado” (2007), oferece uma perspectiva complementar à fenomenologia *eliadiana* para compreender a experiência religiosa presente na RCC e no Movimento Chama do Amor. Segundo Otto, o numinoso constitui o elemento irracional e inefável da experiência religiosa, caracterizado pelo *mysterium tremendum et fascinans* (mistério tremendo e fascinante) e pelo sentimento de criatura diante do totalmente Outro.

Na RCC, a experiência do numinoso manifesta-se principalmente através do “batismo no Espírito Santo” e da “efusão do Espírito”, momentos de intensa experiência religiosa que os fiéis descrevem como transformadores e indescritíveis. Nesses eventos, os elementos do *mysterium tremendum* (temor, tremor, estupor diante do sagrado) combinam-se com o *fascinans* (atração, encantamento, êxtase), criando uma experiência ambivalente característica do numinoso *ottoniano*.

Como observa Prandi (1997), os testemunhos de carismáticos sobre o “batismo no Espírito” frequentemente enfatizam tanto o temor e o tremor diante da presença divina

quanto a alegria e o êxtase resultantes dessa experiência. Manifestações físicas como tremores, choro, risos e o “repouso no Espírito” (queda ao solo) podem ser interpretadas como expressões corporais do encontro com o numinoso, que transcende as categorias racionais e linguísticas ordinárias.

Além disso, a experiência carismática é frequentemente acompanhada pelo sentimento de criatura (*creature-feeling*) descrito por Otto, onde o fiel reconhece sua pequenez e dependência diante da majestade divina. Esse sentimento manifesta-se em expressões de humildade, confissão de pecados e reconhecimento da soberania divina, frequentes nos grupos de oração e eventos carismáticos.

Por sua vez, no Movimento Chama do Amor, a experiência do numinoso apresenta características distintas, mais próximas da tradição mística católica. As experiências de Elizabeth Kindelmann, registradas em seu Diário, revelam um encontro com o numinoso marcado mais pela intimidade e pelo diálogo do que pelo êxtase e pelas manifestações corporais intensas. Como ela registra: “Enquanto estava submersa na Chama de Amor da Virgem Santíssima, eu me dei conta de que a angústia que sentia por causa da presença do maligno havia desaparecido. [...] Depois a minha alma se sentia tão leve como eu nunca a havia sentido” (KINDELMANN, 2008, p. 51).

Nessa passagem, observa-se uma experiência do numinoso caracterizada pela paz e pela leveza, mais do que pelo tremor e pelo êxtase. No entanto, o elemento do *mysterium* permanece presente, na forma de uma experiência que transcende as categorias ordinárias de compreensão: “Quando isso ocorreu, tive a sensação de que o meu corpo tinha desaparecido, deixando sozinha a minha alma. E eu, como pura alma, havia sido reduzida a nada” (KINDELMANN, 2008, p. 51).

O sentimento de criatura também é marcante nas experiências de Elizabeth, manifestando-se em sua consciência de indignidade e pequenez diante da majestade divina. Como ela expressa: “Senti como se a minha alma estivesse coberta de trapos toscamente remendados, como os que vestem os mendigos. Então apoderou-se de mim uma sensação extremamente deprimente. ‘Vê como sou, meu adorado Jesus!’” (KINDELMANN, 2008, p. 51).

Essas diferentes manifestações do numinoso refletem distintas tradições espirituais e formas de experiência religiosa. Enquanto a RCC privilegia uma experiência extática e

corporalmente expressiva do numinoso, mais próxima da tradição pentecostal, o Movimento Chama do Amor enfatiza uma experiência mais interiorizada e contemplativa, alinhada com a tradição mística católica. Em ambos os casos, no entanto, observa-se a presença dos elementos fundamentais do numinoso ottoniano: o *mysterium tremendum et fascinans* e o sentimento de criatura.

3.3 Sociologia das religiões populares

A sociologia das religiões populares, desenvolvida por autores como Reginaldo Prandi, oferece importantes insights para compreender a interface entre instituição e devoção presente na RCC e no Movimento Chama do Amor. Segundo Prandi (1996), as religiões populares caracterizam-se por sua capacidade de adaptação às necessidades dos fiéis e por sua relativa autonomia em relação às estruturas institucionais oficiais.

No caso da RCC, observa-se uma interessante dinâmica entre elementos institucionais e devocionais. Por um lado, o movimento afirma sua identidade católica e sua fidelidade ao magistério da Igreja; por outro, desenvolve práticas e expressões religiosas que, em muitos aspectos, aproximam-se mais do pentecostalismo protestante do que do catolicismo tradicional. Como analisa Carranza (2000), essa ambivalência reflete a tentativa de conciliar a experiência carismática com a pertença institucional católica.

A RCC pode ser entendida como uma forma de “catolicismo popular de classe média”, que oferece respostas às necessidades espirituais e existenciais de um segmento social que não se identifica nem com o catolicismo tradicional nem com as religiões populares de matriz afro-brasileira. Como observa Prandi (1997), o movimento carismático oferece uma experiência religiosa emocionalmente intensa e pessoalmente significativa, sem exigir o abandono da identidade católica.

Além disso, a RCC desenvolve estratégias específicas de legitimação institucional, buscando o reconhecimento e a aprovação da hierarquia católica. Essas estratégias incluem a participação de sacerdotes como assessores espirituais dos grupos de oração, a ênfase na devoção eucarística e mariana (elementos tradicionais do catolicismo) e a afirmação constante de fidelidade ao Papa e aos bispos. Dessa forma, o movimento negocia sua relativa autonomia devocional com as exigências da pertença institucional.

Por sua vez, o Movimento Chama do Amor apresenta características distintas em sua relação entre instituição e devoção. Originado de experiências místicas individuais, o movimento busca legitimação institucional principalmente através do reconhecimento oficial de seu texto fundador, o Diário de Elizabeth Kindelmann. A concessão do Imprimatur pelo Cardeal Péter Erdő, Primaz da Hungria, representa um importante marco nesse processo de legitimação.

No entanto, o movimento mantém uma relativa autonomia em suas práticas devocionais, que se desenvolvem principalmente em espaços domésticos e comunitários, sem necessariamente depender da mediação sacerdotal. A “hora de reparação em família”, por exemplo, constitui uma prática devocional que pode ser realizada no ambiente doméstico, sem a presença de representantes institucionais.

Essa autonomia relativa é contrabalançada pela ênfase na participação nos sacramentos tradicionais, especialmente a Eucaristia e a Confissão, entendidos como canais privilegiados da graça divina. Dessa forma, o movimento articula devoção popular e pertença institucional, sem romper com a estrutura hierárquica da Igreja Católica.

Essas diferentes formas de articulação entre instituição e devoção refletem distintas estratégias de adaptação religiosa em um contexto de pluralismo e competição. Tanto a RCC quanto o Movimento Chama do Amor buscam oferecer experiências religiosas significativas e pessoalmente relevantes, sem romper com a identidade católica institucional. No entanto, fazem isso através de caminhos distintos: a RCC através da incorporação seletiva de elementos pentecostais, o Movimento Chama do Amor através da revitalização de formas tradicionais de devoção mariana.

3.4 A Linguagem Apocalíptica no Movimento Chama do Amor

Uma dimensão fundamental do Movimento Chama do Amor, até agora pouco explorada nos estudos acadêmicos sobre o tema, é o caráter marcadamente apocalíptico de sua linguagem e cosmovisão. Conforme os estudos de Paulo Augusto de Souza Nogueira, especialista em literatura apocalíptica da PUC-Campinas, os textos apocalípticos possuem características distintas que podem ser claramente identificadas no Diário Espiritual de Elizabeth Kindelmann.

Nogueira (2022, p. 8) destaca que “o Apocalipse é potente por sua polissemia e por seu poder de simbiose com outros textos religiosos. É um código cultural por seu poder de se lançar nos jogos de significações”. Esta característica polissêmica é evidente no Diário de Elizabeth, onde símbolos tradicionais católicos, especialmente marianos, são reinterpretados e ressignificados em um contexto de urgência escatológica.

O dualismo, elemento central da linguagem apocalíptica segundo Nogueira, manifesta-se de forma contundente nas experiências místicas de Elizabeth. Em seu Diário, o mundo é apresentado como palco de um confronto cósmico entre forças espirituais antagônicas: de um lado, a Chama do Amor de Maria; de outro, Satanás e suas legiões. Esta visão dualista fica explícita quando Elizabeth registra: “Enquanto estava submersa na Chama de Amor da Virgem Santíssima, eu me dei conta de que a angústia que sentia por causa da presença do maligno havia desaparecido. Ele sumiu quase que imperceptivelmente” (KINDELMANN, 2008, p. 51).

A experiência visionária e a mediação sobrenatural, características fundamentais da literatura apocalíptica conforme analisado por Nogueira, constituem a própria essência do Diário. Elizabeth se apresenta como receptora de revelações divinas transmitidas diretamente por Jesus e Maria, em um processo de comunicação que transcende as mediações institucionais tradicionais. Quando ela registra: “Às três da madrugada, o Senhor me despertou com a sua Presença e com as suas palavras: ‘Na noite solitária, busco corações’” (KINDELMANN, 2008, p. 51), observamos o padrão clássico da revelação apocalíptica, onde o vidente é despertado para receber uma mensagem sobrenatural.

A linguagem imagética e simbólica, outro elemento destacado por Nogueira como característico dos textos apocalípticos, permeia todo o Diário. O símbolo central da “Chama do Amor” é apresentado como uma realidade espiritual visível apenas aos olhos da fé, mas com efeitos concretos no mundo material. Esta linguagem simbólica cria um universo semântico próprio, onde imagens como fogo, luz, cegueira (de Satanás) e manto protetor (de Maria) formam uma constelação de significados interconectados.

Particularmente significativa é a função de ressignificação do mundo em contextos de crise, que Nogueira identifica como característica fundamental da literatura apocalíptica. O Diário de Elizabeth foi escrito durante o período socialista na Hungria, em um contexto de opressão religiosa e dificuldades materiais. A linguagem apocalíptica oferece, nesse

cenário, uma chave de leitura alternativa da realidade, onde os sofrimentos presentes são reinterpretados como parte de um plano divino maior. Quando Maria diz a Elizabeth: “Minha filha, há muitas almas assim no meu país [na Hungria]. Mas Eu, junto contigo, cubro com o meu manto maternal as suas almas de mendigo” (KINDELMANN, 2008, p. 52), observamos essa ressignificação da realidade húngara sob o regime socialista.

A temporalidade específica e o senso de iminência, elementos que Nogueira destaca como próprios da literatura apocalíptica, manifestam-se no Diário através da urgência com que a propagação da Chama do Amor é apresentada. Há um senso constante de que o tempo é curto e que uma intervenção divina decisiva está prestes a ocorrer. Esta temporalidade apocalíptica cria um senso de missão e urgência entre os adeptos do movimento.

Por fim, a autoridade baseada na experiência mística direta, característica fundamental dos textos apocalípticos segundo Nogueira, é o próprio fundamento da legitimidade do Movimento Chama do Amor. A autoridade de Elizabeth não deriva de sua posição institucional (era uma leiga sem formação teológica formal), mas de sua experiência mística direta com o divino. Esta característica aproxima o movimento de outras tradições místicas católicas, como as de Santa Hildegarda de Bingen e São João da Cruz, que também utilizaram linguagem apocalíptica para expressar suas experiências espirituais.

A análise da linguagem apocalíptica no Movimento Chama do Amor permite compreender melhor sua natureza e função no contexto do catolicismo contemporâneo. Diferentemente da RCC, que incorpora elementos da modernidade religiosa em sua expressão carismática, o Movimento Chama do Amor recorre a uma forma tradicional de linguagem religiosa – o apocalíptico – para articular uma crítica à modernidade secularizada e propor um reencantamento do mundo através da devoção mariana.

Esta diferença fundamental entre os dois movimentos reflete tensões mais amplas no campo católico contemporâneo: enquanto a RCC busca revitalizar a experiência católica através da incorporação seletiva de elementos modernos (como a expressão emocional e a valorização da experiência subjetiva), o Movimento Chama do Amor propõe um retorno a formas tradicionais de espiritualidade, reinterpretadas através de uma linguagem

apocalíptica que ressignifica o mundo contemporâneo à luz de categorias religiosas tradicionais.

3.5 Recomposição do religioso

O conceito de recomposição do religioso, desenvolvido por Roland Campiche (1993), oferece um quadro teórico valioso para compreender como a RCC e o Movimento Chama do Amor representam diferentes estratégias de ressignificação da fé em um contexto secularizado. Segundo Campiche, a secularização não implica necessariamente o declínio da religião, mas sua transformação e recomposição em novas formas de expressão e pertencimento.

No caso da RCC, observa-se uma recomposição do religioso que combina elementos tradicionais do catolicismo com formas modernas de expressão religiosa. Como analisa Hervieu-Léger (2008), o movimento carismático representa uma forma de “religiosidade emocional”, que valoriza a experiência subjetiva e a expressão afetiva da fé. Essa ênfase na emoção e na experiência pessoal responde a uma demanda contemporânea por espiritualidades que envolvam a pessoa em sua integralidade, não apenas em sua dimensão racional ou moral.

Além disso, a RCC oferece novas formas de pertencimento religioso, baseadas na participação em comunidades emocionais e na construção de uma identidade coletiva distinta. Os grupos de oração carismáticos, como observa Sofiati (2009), funcionam como espaços de acolhimento e pertencimento em um mundo marcado pela fragmentação social e pelo anonimato urbano. Nesse sentido, o movimento responde não apenas à busca de experiências religiosas significativas, mas também à necessidade de vínculos comunitários em um contexto de individualização.

A recomposição do religioso na RCC manifesta-se também na adaptação da linguagem e das práticas religiosas às sensibilidades contemporâneas. O uso de música moderna, de tecnologias de comunicação e de uma linguagem acessível e emotiva reflete uma tentativa de tornar a experiência religiosa relevante e atraente para as novas gerações. Como analisa Carranza (2009), essa adaptação representa uma estratégia de evangelização em um contexto de competição religiosa, especialmente com as igrejas pentecostais e neopentecostais.

Por sua vez, o Movimento Chama do Amor representa uma forma distinta de recomposição do religioso, mais centrada na revitalização de tradições devocionais e na ressignificação de símbolos religiosos tradicionais. Como observa Teixeira (2005), movimentos devocionais marianos como a Chama do Amor oferecem uma forma de reencantamento da fé através da recuperação de práticas e símbolos tradicionais, reinterpretados à luz das necessidades e sensibilidades contemporâneas.

A devoção ao Imaculado Coração de Maria, central no Movimento Chama do Amor, insere-se em uma longa tradição católica, que ganhou impulso a partir das aparições de Fátima (1917) e foi oficialmente reconhecida pela Igreja através da consagração do mundo ao Imaculado Coração, realizada pelo Papa Pio XII em 1942. No entanto, o movimento reinterpreta essa devoção tradicional em um contexto contemporâneo, enfatizando sua relevância para os desafios espirituais e morais do mundo atual.

A linguagem apocalíptica presente no Diário de Elizabeth Kindelmann, como analisado anteriormente, representa outra forma de recomposição do religioso, oferecendo uma chave de leitura alternativa da realidade contemporânea. Através dessa linguagem, os desafios e crises do mundo atual são reinterpretados como parte de um confronto cósmico entre forças espirituais, onde os fiéis são chamados a participar através da oração e do sacrifício.

Essas diferentes formas de recomposição do religioso refletem distintas estratégias de adaptação e resistência em um contexto secularizado. Enquanto a RCC busca adaptar a experiência religiosa às sensibilidades contemporâneas, incorporando elementos da modernidade religiosa, o Movimento Chama do Amor propõe uma forma de resistência à secularização através da revitalização de tradições devocionais e da ressignificação de símbolos religiosos tradicionais.

Em ambos os casos, no entanto, observa-se o que Campiche (1993) identifica como características fundamentais da recomposição do religioso: a busca de experiências religiosas significativas, a formação de novas formas de pertencimento comunitário e a ressignificação de tradições religiosas em um contexto de pluralismo e competição.

CONCLUSÃO

A análise comparativa da Renovação Carismática Católica (RCC) e do Movimento Chama do Amor, realizada à luz das Ciências das Religiões, permite compreender como esses movimentos articulam carisma, devoção e subjetividade moderna para ressignificar a experiência religiosa no contexto do catolicismo contemporâneo. Ambos representam respostas ao processo de secularização e à erosão dos sentidos últimos do viver humano, desenvolvendo estratégias particulares de reencantamento da fé que, embora distintas, compartilham o objetivo de reafirmar o sagrado em um mundo cada vez mais desencantado.

A RCC, surgida nos Estados Unidos em meados da década de 1960 e presente no Brasil desde 1969, caracteriza-se por uma apropriação de elementos pentecostais no interior do catolicismo, enfatizando a experiência direta do Espírito Santo, a expressão emocional da fé e a formação de comunidades afetivas. Sua estrutura organizacional complexa e hierarquizada, com diferentes níveis de coordenação e ministérios específicos, reflete um alto grau de institucionalização e integração à estrutura eclesial católica.

Por outro lado, o Movimento Chama do Amor, originado das experiências místicas de Elizabeth Kindelmann na Hungria a partir de 1960, centra-se na devoção ao Imaculado Coração de Maria e na propagação da “Chama do Amor” como meio de combate espiritual e transformação do mundo. Sua estrutura organizacional mais simples e centralizada, focada na difusão do Diário Espiritual e na promoção de práticas devocionais específicas, reflete uma busca gradual de reconhecimento e legitimação institucional.

As práticas rituais e expressões litúrgicas desses movimentos revelam concepções particulares do sagrado e modos específicos de mediação da experiência religiosa. Enquanto a RCC privilegia a expressão emocional, a corporeidade e a experiência direta do divino, o Movimento Chama do Amor enfatiza a devoção disciplinada, a espiritualidade do sacrifício e a mediação mariana. Essas diferenças refletem distintas estratégias de reencantamento da fé e diferentes respostas às demandas por espiritualidades personalizadas no contexto da modernidade religiosa.

Os simbolismos e as formas de mediação do sagrado também apresentam diferenças significativas entre os dois movimentos. Na RCC, o simbolismo central é o do Espírito Santo, representado pela pomba, pelo fogo ou pelo vento, e a mediação do sagrado ocorre

principalmente através da experiência direta dos dons carismáticos. No Movimento Chama do Amor, o simbolismo central é o do fogo e da luz, associados ao Imaculado Coração de Maria, e a mediação do sagrado ocorre principalmente através da figura de Maria, apresentada como canal privilegiado da graça divina.

As concepções de subjetividade e comunidade presentes nesses movimentos revelam modos particulares de articulação entre a experiência religiosa individual e a dimensão comunitária da fé. Na RCC, observa-se uma valorização significativa da experiência subjetiva e da decisão pessoal de fé, combinada com uma forte ênfase na dimensão comunitária, expressa nos Grupos de Oração. No Movimento Chama do Amor, a concepção de subjetividade centra-se mais na noção de obediência e entrega, e a dimensão comunitária manifesta-se principalmente através da participação em uma obra salvífica universal.

A análise desses movimentos à luz da fenomenologia do sagrado (Eliade), do conceito de numinoso (Otto), da sociologia das religiões populares (Prandi), da noção de recomposição do religioso (Campiche) e da análise da linguagem apocalíptica (Nogueira) permite compreender como eles negociam a rigidez da estrutura católica tradicional e respondem à demanda por espiritualidades personalizadas, emocionais e imediatistas. Enquanto a RCC incorpora elementos da modernidade religiosa, como a valorização da experiência subjetiva e a expressão emocional, o Movimento Chama do Amor recorre a formas mais tradicionais de devoção, centradas na figura de Maria e em práticas ascéticas, expressas através de uma linguagem marcadamente apocalíptica.

Particularmente significativa é a dimensão apocalíptica do Movimento Chama do Amor, até agora pouco explorada nos estudos acadêmicos sobre o tema. A análise do Diário de Elizabeth Kindelmann à luz dos estudos de Paulo Nogueira sobre literatura apocalíptica revela características distintivas como polissemia, dualismo, experiência visionária, linguagem simbólica, ressignificação do mundo em contextos de crise, temporalidade específica e autoridade baseada na experiência mística direta. Essa dimensão apocalíptica oferece uma chave de leitura alternativa da realidade contemporânea, onde os desafios e crises do mundo atual são reinterpretados como parte de um confronto cósmico entre forças espirituais.

Essas diferentes estratégias refletem a pluralização interna do catolicismo contemporâneo e as tensões entre modernidade e tradição no campo religioso. Ambos os movimentos buscam revitalizar a experiência católica, mas o fazem através de caminhos distintos: a RCC através da inovação ritual e da expressão emocional, o Movimento Chama do Amor através da retomada de formas tradicionais de devoção e da intensificação do combate espiritual, expresso em linguagem apocalíptica.

Em última análise, tanto a RCC quanto o Movimento Chama do Amor representam tentativas de responder ao desafio da secularização e do desencantamento do mundo, oferecendo aos fiéis experiências religiosas significativas e formas de pertencimento comunitário que dão sentido à existência. Suas diferentes abordagens revelam a diversidade e a vitalidade do campo religioso católico, capaz de gerar múltiplas respostas aos desafios da contemporaneidade sem romper com sua identidade institucional.

A compreensão dessas dinâmicas contribui para o avanço das Ciências das Religiões, ao iluminar os processos de adaptação e transformação religiosa em contextos secularizados. Futuros estudos poderiam aprofundar a análise das interações entre esses movimentos e outros segmentos do catolicismo, bem como investigar suas repercussões na vida cotidiana dos fiéis e nas estruturas eclesiais mais amplas.

REFERÊNCIAS

- BERGER, Peter L. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.
- CAMPICHE, Roland J. A recomposição do religioso na modernidade tardia. In: TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (Orgs.). As religiões no Brasil: continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 1993.
- CARRANZA, Brenda. Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências. Aparecida: Santuário, 2000.
- CARRANZA, Brenda. Perspectivas da neopentecostalização católica. In: CARRANZA, B.; MARIZ, C.; CAMURÇA, M. (Orgs.). Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno. Aparecida: Ideias & Letras, 2009.

- CSORDAS, Thomas J. Language, charisma, and creativity: the ritual life of a religious movement. Berkeley: University of California Press, 1997.
- ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. O peregrino e o convertido: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.
- KINDELMANN, Elizabeth. Diário Espiritual: A Chama do Amor do Imaculado Coração de Maria. Tradução brasileira. São Paulo: Movimento Chama do Amor, 2008.
- MARIZ, Cecília L. Comunidades de vida no Espírito Santo: juventude e religião. Tempo Social, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 253-273, 2004.
- NOGUEIRA, Paulo A. S. Apocalipse e cultura ocidental. Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 62, n. 1, p. 8-9, 2022.
- OTTO, Rudolf. O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.
- PRANDI, Reginaldo. Religião paga, conversão e serviço. In: PIERUCCI, A. F.; PRANDI, R. A realidade social das religiões no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1996.
- PRANDI, Reginaldo. Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático. São Paulo: Edusp, 1997.
- SOFIATI, Flávio Munhoz. Elementos socio-históricos da Renovação Carismática Católica. Estudos de Religião, v. 23, n. 37, p. 216-241, 2009.
- TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. Revista USP, São Paulo, n. 67, p. 14-23, 2005.